

Projeto: Mapeamento dos Terreiros de Candomblé - RJ.
Local da Entrevista: Apartamento do entrevistado.
Logradouro: Mantido oculto em prol da privacidade do entrevistado.
Data da Entrevista: 08/04/2008.
Entrevistado: Antônio Olyntho Marques da Rocha.
Entrevistadora: Márcia Netto
Legenda: EN. - Entrevistadora; A.O. - Antônio Olyntho.

Entrevista

AO- Fizemos 15 Km., levamos 3 hrs., não havia estrada. Quando cheguei lá era uma aldeia mesmo... De repente, ele disse assim: “ Seu [...]! “ - Era uma pessoa assim, desse *tamaninho*. O padre, disse: “ O senhor tem máscara gueledé ? “ Ele olhou e falou, assim: “ Eu só faço isso. “ “ O senhor tem pra mostrar? “ Disse: “ Tenho. “ Então, chegou na casa dele, começa a tirar de debaixo do chão 17 máscaras - Estão todas aqui. Estão aqui e estão lá, naquela exposição. - Eu queria trazer estas máscaras. Eu, disse: ” [...], pergunta a ele se pode dispor - essa palavra é complicada, né? - dessas máscaras “. Ele pegou, e disse: “ Eu faço todo ano, nunca repito. Eu posso dispor, sim. ” Olhei assim, e mandei perguntar quanto queria pelas 17. A Zora, minha mulher, olhou e me perguntou, assim: “ Você vai levar, tudo?! “ Disse: “ Vou! “ “O carro é pequeno, tem você, eu, o *chauffeur* e as nossas bagagens... Aonde vão caber essas máscaras? “ ” Na minha cabeça, em sua cabeça, em todo lugar. Mas, nós vamos levar essas máscaras! Eu vou contar uma coisa, ô Zora, você nasceu em Ouro Preto [MG], eu nasci em Ubá [MG], nós casamos, fomos pra Europa, e da Europa pra Nigéria e da Nigéria estamos aqui. Você acha que eu vou deixar essas máscaras, aqui?! ” E foi assim que fiquei com as máscaras e cruzamos a fronteira para Nigéria. (...) Na Nigéria ficou tudo conosco, então de lá colocamos tudo num navio para Lisboa [Portugal]. Em Lisboa, ficou um mês, aí trouxe pra cá.

EN- E o senhor, tem elas todas catalogadas? Ou não?

AO- Não, tenho elas catalogadas todas, já. À minha irmã é a especialista lá do museu. Só tem um mês que [ela estava] estudando, pesquisando...

EN- Onde? No Museu de Belas Artes? É lá que tem uma coleção africana, né?

AO-É.

AO- [Mostrando uma peça do acervo]: Está vendo isto aqui?

EN- É um ogó? Este se chama ogó, também?

AO-É. Esse aqui, na porta de casa, eles enterram isso no chão pra proteger a casa,pra não entrar nenhum inimigo. Eu como não tenho terra aqui, então coloquei o Exu olhando pra porta. Entrando alguém com más intenções, aqui, ele está tomando conta. Lá eles dançam com Exu na mão, põem o Exu na terra...

EN-Era bom se tivesse um espaço para o senhor colocar suas coisas, até a mostra ,né...Lá em São Paulo fizeram um museu...

AO- Fizeram .Eles vieram aqui para comprar e eu não vendo não...

AO- (Mostrando máscara)Vejam os detalhes desta máscara...esquisitíssima...

EN- O senhor chegou ir a alguma aldeia,a algum ritual assim?

AO- Sim.Vários.Inclusive com um babalaô jogando búzios para o futuro.Eu ía deixar meu apartamento já tinha um mês eu disse: "Zora é um aluguel alto,a gente vai para fora e pagar este aluguel sem estar morando aqui,vamos colocar um anúncio para alugar para um estrangeiro que venha passar aqui um mês?" Colocamos o anúncio.Nada.Ninguém apareceu.Ai babalaô foi lá em casa e disse:"Como é que é ninguém veio aqui não?" Eu disse:"Não".Ele(babalaô)disse:"Ah vamos dar um jeito".

Ele sentou colocou as coisas dele,jogou,depois foi em cada quina da casa.Depois que ele acabou tudo ele disse que agora ía resolver.Toca a campainha ,eu abro, entra um americano e diz assim: “Foi você que pôs esse anúncio,pois eu vou passar um mês aqui e é ideal pra mim”.

EN- É a força do que se faz e como sabe fazer.

AO-Foi impressionante.Agora eu ía muito ver o pessoal jogar,as cerimônias.

O entrevistado comenta sobre publicação de Agenor Miranda

AO-Nós lançamos o livro dela (Zora) lá na exposição(Sesc Madureira).

EN-E o tempo que o senhor foi adido cultural na Nigéria o senhor ajudava nas aldeias, os cultos...O senhor teve algum histórico lá?

AO-Ah sim.Muito.Esse livro conta nossa história lá.(mostra livro para entrevistadora)”Um Brasileiro na África”.Conta história minha e de Zora lá.O que nós fizemos.Uma prestação de trabalho.

O entrevistado mostra peças de seu acervo

AO- Mulher tem que ser mãe.Senão não vale nada.Então quando ela não é mãe , ela manda fazer isso aqui(aponta objeto a entrevistadora),amarra com um pano na cintura para atrair filho.A primeira coisa que ele faz(africano,nigeriano)é ir ao cartório registrar o filho como dele.Se parecer outro dizendo que é pai ,a polícia vai atrás dele.Se o verdadeiro pai aparece a polícia prende porque a mulher é dele e o filho é dele por lei.

O entrevistado mostra peças de seu acervo e fotografias

EN- O senhor está pensando em fazer um Instituto?

AO- Já está registrado, eu deixo tudo pra ele.

Entrevistadora explica o projeto

AO- Você já foi ao meu terreiro?

EN- Do Bira, fui sim.

AO- Todo ano a gente (entrevistado e Pai Bira de Xangô) se encontra na Bahia. No Opô Afonjá. Quando ele tem festa aqui eu vou lá. Como ele está ligado ao Opô Afonjá, é o meu candomblé.

Entrevistadora continua explicando o projeto

AO- Pierre Verget influenciou na Zora e em mim, porque a Zora era comunista e tinha aquela coisa da paixão comunista, se apaixonou pelo povo né, isso aí é vivo (o candomblé para Zora). E Verget então viajou com ela por toda Bahia mostrando as coisas pra ela. Ai ela começou a se apaixonar por tudo isso. Quando eu a conheci, já tinha sido casado antes, era um escritor sem assunto, escrevendo contos, poesias, etc...

Com a Zora, primeiro ela me levou para o Candomblé. Eu fui logo feito Obá de Xangô por Mãe Senhora. Pegou o Jorge Amado, Caribé, eu, o Gil. Todos somos Obá de Xangô lá do terreiro de Mãe Senhora.

A.O: Eu sou o primeiro obá, fui consagrado, dancei lá...

EN: Vocês receberam o cargo só de salão ou fizeram obrigação?

A.O: Fizemos o bori. Depois disso fiz o bori lá umas dez vezes...

Entrevistado comenta sobre grande festa de candomblé em São Paulo

AO-Porque na Nigéria nós vivemos normalmente,tudo é sagrado,a comida é sagrada,você dá comida para Xangô é sagrado,você dá comida pra você também é sagrado,a dança é sagrada,o culto é sagrado,tem uma sacralidade geral,eles tem isso e trouxe para nós.Nós temos isso sem saber.

EN-Na verdade o que o senhor está falando é que na prática,na vida deles , eles vivenciam o sagrado,na natureza,na comida.

AO-Eu cheguei em Ketu e tinha uma árvore entrando na parede.Ai eu disse: “ Essa árvore vai derrubar sua casa,você vai ter que tirá-la daí.” Ele me olhou e olhou para a árvore e disse: “ Eu não posso fazer isso”Eu disse: “Mas por que?” Ele disse: “ Porque um deus mora naquela árvore” Eu disse: “ Um deus mora em toda árvore?” Ele disse categoricamente: “ Um deus mora em toda árvore”Eu disse: “ Mas se quisermos fazer uma estrada?” Ele disse: “Ai temos de nós ajoelhar diante das árvores e pedir a deus que por favor a toda humanidade...”
A árvore é sagrada.Você tem que bater nisso,não pode derrubar árvore, a árvore é sagrada, a não ser por um motivo ou outro.Não pode derrubar.

AO- Você sabe que uma vez em Viena nós fomos lá em um negócio de turismo em um palácio famoso dos tempos do rei da Áustria,uma sala imensa toda forrada em madeira.Uma beleza de madeira.Eu olhei para aquilo e disse: “ Meu Deus!”

AO- No século passado ou retrasado eles estavam ttrazendo a madeira e decoravam a sala em Viena...

EN- Uma exuberância desnecessária,né?

AO- É.

EN- Porque pra moradia não precisava tanta exuberância.

AO-É claro.

EN-Os castelos lá são um escândalo de desperdício.

AO- A África dá muitas lições na gente,que tudo é sagrado é uma boa lição.Você começa a respeitar as coisas,não pode deixar de respeitar as coisas.É claro que terem feito isso com Copacabana,um dia a gente paga né?Um dia a água vai invadir ai...

EN-Vai tomar de volta

AO-É .Vai tomar de volta.A Zora,coitadinha,não era bem mania,mas ficava preocupada,quando ela se convenceu que todas as águas tem o seu espaço e que nós tiramos desta ,ela me disse vamos morar em Santa Tereza.Eu disse Zora não vamos exagerar, né...Ela disse não é exagero,eu não quero correr o risco de avançar o mar

Eu disse vai acontecer mas vai levar uns duzentos,trezentos anos,eu disse vamos continuar em Copacabana.

EN- Mas dizem que é cientificamente comprovado,uma hora dessa volta a ser mar.

AO- Nós somos irmãos da África até geograficamente,já tá comprovado.O Brasil com todo o nordeste e a África Ocidental há cinqüenta mil anos era um terreno só .O mar foi rompendo no meio e foi separando.Aí de vez em quando dizem,como é que o escravo brasileiro se adaptou tanto aqui?E o americano não se adaptou?É fácilimo,ele saíu de 40° na sombra e veio para 40° na sombra,ele saiu da onde comia banana e veio comer banana.É igualzinho.Agora o coitado do escravo que foi para Estados Unidos,caiu na neve,10° abaixo de zero,frutas eram todas diferentes,maçã.Não tinha maçã na África.Então eles não se adaptaram.Aqui se adaptaram.Era tudo igual.

EN-Tem toda lógica a sua ...Com certeza Porque dizem que até a parte do solo brasileiro,quem estuda geologia,é semelhante ao africano.

AO-E daí o que aconteceu?Aconteceu que,realmente com o tempo o escravo americano se dispersou.Muitos continuaram em Gana,África.Em Cuba sim,Cuba também era quente...

EN-Tem um clima semelhante

AO-Mas lá não.Aqui as coisas se mantiveram,porque é tudo o mesmo clima,tudo igual.

E eu quando cheguei lá adorei.Em plena Lagos e logo na primeira noite nós fomos a Embaixada,num apartamento de segundo andar.Nós chegamos as sete da noite um barulho danado e começaram a gritar....

Quando chegou tinha um grupo africanos que não eram africanos eram descendentes de brasileiros com o Bumba-meu-Boi para receber o novo adido cultural do Brasil.Foram lá para o hotel.Nós entramos dentro do espírito da África brasileira.

AO-Você tem que ler “A Casa da Água”. “A Casa da Água ” é a história que eles vieram e quando houve a abolição,muitos resolveram voltar,o inglês que é esperto descobriu isso e passou a ter navios entre a baía e a ().Navios veleiros que era baratíssimo .De vez em quando passavam dois meses em alto mar sem vento,morria dez pessoas porque acabava a comida,mas eles levaram os brasileiros.Então eu coloquei a história de uma velha escrava que vai com a filha brasileira com dois netos já brasileiros,vai para a Bahia,vai trabalhar no mercado,ganha e aí pega o navio e volta para a Nigéria para a sua família.Eu conto essa história até a menina de oito anos ter 80 anos.É uma história completa da volta dos escravos.Essa volta eu só vim a saber,quer dizer,,já muito adulto quando Verget chegou aqui e disse “Tá cheio de brasileiro ainda falando português” “São filhos dos ex-escravos que falam português”.Assim,ele já foi pra lá com essa curiosidade de encontrar esse Brasil lá.Quer dizer a cultura brasileira dentro da África.Hoje mudou muito.Imagine que eu fui para a África a quase cinqüenta anos,fui em 1960,faz 48 anos ,estava casado com a Zora a pouco tempo.Fui casado com ela 52 anos.Estava casado com ela há uns 4 anos.Então eram brasileiros dançavam como no

Brasil,cantavam em português.Quando eu convidei () da Conceição para vir aqui,o governo pagou para ela rever a terra dela.Eu cheguei e disse assim: “ Tá contente?” Ela disse: “Tô feliz como água de chafariz”.Eu digo: “O que é isso?”. (Conceição)“Ah,ninguém diz mais isso no Brasil não?” “Olha chafariz é alegre , feliz,por isso como água de chafariz”.

E ninguém usa mais.Uma vez chegou um daqueles filhos de brasileiros também e disse assim: “ Oh meu tio me dá um dinheirinho para eu comprar uma bebidinha pra mim”Então eu peguei uma nota de dez **dairas**,cinco reais aqui.Peguei as dez **dairas** e dei pra ele.Ele sentou no chão pegou a nota e disse: “Dinheiro na mão bunda no chão”.

Pra que trabalhar?Estou com dinheiro na mão,já era uma coisa brasileira.

Foi uma descoberta para nós e é claro que no meio disso tudo a Zora fez pesquisas ,escreveu livros e nós compramos as peças.Foi tudo isso dentro de três anos.

EN- Mas três anos dentro de um país deste é muita coisa.Tem uma riqueza cultural muito grande.

AO- Nós moramos na Nigéria três anos,nós moramos em Nova Iorque dois anos,moramos na Inglaterra vinte e dois anos e fomos parar na China,no Japão,na Austrália.Onde é que nós fomos realmente felizes?Ela disse(Zora):Na África.Então nesse mundo todo nós sentimos realmente felizes na África.Eu morei em Lagos,mas viajei por toda África Ocidental fazendo conferências.Ía muito ao Ketu,depois tem a Costa do Marfim.Então desde de lá em cima ,até depois do Congo e um pouco do lado de lá para ver também as terras portuguesas.Mas morando sempre em Lagos.saindo de Lagos para ir ali e aqui.Hoje eu não sei como está porque os muçulmanos brigaram,o norte da Nigéria é muçulmana.Então eles conseguiram fazer uma lei de retirar a capital da Nigéria de Lagos e colocar no centro da Nigéria uma cidade estilo Brasília.Conseguiram.Então Lagos não é mais a capital de lá.Mas Lagos continua sendo uma espécie de Rio de Janeiro.Brasília tá lá,mas o rei tá aqui.

EN- Não deixa de ser a capital cultural.

AO-É a capital cultural.Mas mudou muita coisa lá.Não há mudança completa.Você muda mas tem uma raiz.Tá lá.

EN-Muito interessante o senhor estar falando isso.Não há mudança total em coisa nenhuma tem sempre uma raiz.

AO-Sem um Deus você não sobrevive.Né?

EN-É verdade.Não tem como se perder esse... porque isso até eu vejo assim em noção de tradição,de nação de identidade,se discute muito hoje,né?

AO- Tem uma palavra muito complicada: alma.

EN- Alma?

AO- Você perde a alma.

Alma é isso.É isto que está lá.

EN-Muito bonito.Porque a gente discute muito hoje o conceito de identidade,de nação,de tradição,mas ao mesmo tempo,sempre achando que ela vai se perder,né.Porque eu trabalho com memória,eu sou museóloga,eu faço esse trabalho, é um inventário para a memória cultural ,mas existe sempre a preocupação da perda dessa identidade..

AO-Não perde...

EN-Não perde.Ela pode se adaptar...

AO-Você só perde se deixar de ser você...

EN-Isso...

AO- Por qualquer doença, por qualquer coisa assim.

EN- Interessante é assim, quando eu digo para você contar histórias foi porque o senhor aprendeu alguma coisa, aí nisso, aí que tá a riqueza da história. E o que vem com ela, aquilo que foi passado. O senhor já descreveu umas três histórias que eu já aprendi aqui algumas coisas com o senhor pela sua forma de olhar.

AO- Por exemplo eu tenho esses livros, tenho três romances, na verdade tenho cinco livros, né? Mas eu fiz livros sobre tempo de palhaço, o rapaz vem de uma cidadezinha do interior do () e vai pra França pra ser palhaço. Vai seguir um curso de palhaço depois vai para Belo Horizonte e depois vai pra Londres pra fazer lá. Eu fui freqüentar esses cursos para colocar o meu personagem para aprender a ser palhaço. Então depois eu coloco esse palhaço na terra santa, ele é católico e quer ir na terra santa. De manhã ele se veste de palhaço e sai pra percorrer a via crucis. Vai todo mundo atrás dele. Os meninos pegam umas laranjas e começam a brincar de palhaço. Então essa história do mineiro do interior que vai a europa estudar para ser palhaço é toda uma história que vem do catolicismo burguês. Depois ele vai a Roma para conhecer o papa, depois volta pra cá com a namorada que ele arranja e vai ser palhaço em Minas Gerais. Chama-se “Tempo de Palhaço”, tá traduzido até em romeno. Em línguas estranhíssimas.

AO- (...) Poloneses... Cheguei lá fui recebido, me aparece uma senhora: “Eu vim aqui fazer um pedido pro senhor não combrar nada nos direitos autorais do seu livro para cegos” Eu disse: “Claro que não cobro” Então “A Casa da Água” tem em braile polonês. Eu fiquei muito alegre com isso.

EN- Claro. Um orgulho isso. Poucos tem um livro traduzido em braile. Traduzido não, reproduzido.

AO- Ah depois peguei um exemplar do livro em polonês e dei ao papa. Falei com o embaixador queria ver se ou dava ou mandava ao papa o livro em polonês. Ele disse você tem sorte, esse papa que é louco, as quartas-feiras ele percorre uma fila com cadeiras com pessoas, não mais de três, são famílias de várias partes do

mundo.Você quer ir lá quarta-feira que vem?Porque são as embaixadas que recomendam.Eu disse: “Vamos correndo”.Lá fomos eu e Zora.Então nós chegamos

lá ,eu dei o livro a ele.Ele falou em francês: “É traduzido para o polonês,que boa idéia,né?”Eu disse: “É”Aí o fotógrafo bateu não sei quantas fotografias,depois comprei tudo .Então eu entreguei ao papa o livro em polonês.Mas você sabe que “A Casa da Água” é uma alegria,tem tanta tradução.Porque realmente pegou a história de uma menina que sai do interior de Minas para a Nigéria,é filha de escravos,ela chega lá tem a vida dela ela chega lá com 12 e chega aos 80 anos.O pai chega a ser presidente no país e o que aconteceu o presidente do Togo foi assassinado,tem muita coisa real,fica mais forte o livro.E isso aí é em todo o mundo.Agora que saiu a edição brasileira,a editora me ligou e falou que tá vendendo muito.É uma nova edição,já teve várias edições.

EN-Na verdade o senhor romanceou coisas que o senhor viveu.

AO- Só o romance dá a idéia de uma realidade.A realidade não dá idéia da realidade.Então eu vou transformar esta história que está contada aqui, eu conto essa história no meu livro,é esse livro sobre brasileiros na África,e ai transformei aquele no romance e foi para o mundo todo.Quer dizer o romance vai e pega.

EN- É mais gostoso de ser lido,envolve

AO- Você participa

EN- Você vivencia

AO-Quando conta a realidade você aprecia,agora o romance não,ele entra em você.Dom “Quixote” entra em você,ele tá ali presente

EN- Há uma identificação,então a gente acaba sendo protagonista da história

AO-Uma das coisas mais engraçadas que eu tive em matéria de romance foi Capitu,né.Eu tava na Universidade de Columbia e tinha um professor em Nova

lorque especialista em Machado de Assis. Ele me telefonou e me disse: “Antônio eu quero te convidar para vir aqui a minha universidade na quinta –feira que vem e nós

vamos ter aqui um coisa espantosa que você nem imagina,nós vamos julgar Capitu” Eu disse: “Julgar Capitu?” , ele disse: “É, Capitu traiu ou não traiu?”

Então quando saiu a edição em inglês nós compramos para todos os garotos .Ele disse : “Todos reunidos,vamos fazer 12 julgadores.Vamos colocar o ataque dizendo que ela traiu e a defesa dizendo que ela não traiu.Vai ser uma sessão especial na universidade”. Eu disse: “O que? Eu vou perder uma coisa dessa?” Então lá fui eu, foi uma beleza o negócio,tanto os defensores como os que acusavam muito veemente,jovens,mulheres e homens,rapazes e moças e tal,tal...

E eu vendo aquilo mas que coisa Machado de Assis com um romance provocando um julgamento universitário para ver se ela traiu ou não.E sabe o que aconteceu? Foi absolvida.Por 8 a 4.Eram 12 julgadores. Eu disse: “Mas como ela foi absolvida?” Ai um dos que absolveram disse assim: “Nós lemos nitidamente com todo o cuidado em nenhum pedaço o autor Machado de Assis diz ela traiu,é só o Bentinho que é o ciumento,ele faz tudo,ele acusa tudo”.

AO- Mas imaginem, Capitu absolvida. Ainda teve uma que levantou e disse: “Ela traiu sim mas fez muito bem porque Bentinho era um chato .

EN- É porque o certo e o errado depende da situação,nem tudo é certo e errado com uma razão lógica.

AO- E depois você sabe essa coisa toda é tão relativa,a alma humana é ao mesmo tempo tão múltipla ,ela é capaz de tudo,é por isso é rica, é gente, a gente não é bicho,bicho não..

EN- O que faz a diferença é essa.São as emoções ,as raivas,os impulsos,as paixões...

AO- E as paixões costumam ser as mais espantosas possíveis em qualquer pessoa.O () tava dizendo outro dia : “Que amor que nada, o amor eu tive pela minha cachorra durante 20 anos e eu quase morri quando ela morreu”.

EN-O senhor tem biografia escrita sua?

AO- Tenho.Não te dei?Vou te dar.

EN- A sua estória é muito rica,o senhor tem muita coisa...

AO- Uma professora lá de Ubá ,minha terra natal,um dia resolveu fazer uma tese sobre mim,então fez uma tese e até saiu no jornal: “Antônio Olyntho,o operário da palavra”.Ela levou na Universidade de Juiz de Fora para apresentar a tese e receber o título e perguntou: “ Você quer assistir ?” e eu: “E eu lá vou perder uma coisa dessa?”

Então lá fui eu com a Beth pra ver a tese dela,acabou a tese, foi aprovada, ganhou o título e eu cheguei aqui a universidade onde eu dava aula na época e disseram: “ Mas ela fez a tese?Eu disse: “Fez” “ “Então vamos publicar”,eu falei : “Ótimo!”
Então ela deu a tese e publicou.

AO- E agora , está saindo outro livro,essa é boa,tem um camarada lá de Fortaleza que é muito católico, e escreveu a minha vida: “Antônio Olyntho-Um Brasileiro Africano”,não: “Um Brasileiro de Alma Africana”.Está todo pronto para sair este ano. Já tem um publicado e tem um segundo agora. Agora esse aí da menina vale a pena,ela conta as coisas principais ,ela veio aqui,fez entrevistas comigo.Ela queria falar sobre a obra,mas é claro sobre a obra e a vida também.O livro é bom.Vou te dar um.

EN-A formação do senhor é qual?

AO-Católica.

EN-Não formação...

AO-Eu estudei para padre.

EN- Ah o senhor estudou para padre?

AO- Meu pai perdeu o emprego na crise americana de 29,ai ele disse vou procurar um emprego lá na Bahia,eu fiquei lá em Campos com a minha mãe.Minha mãe disse: “Tem um problema,nós não vamos poder te educar,porque seu pai perdeu o emprego e colégio,curso é dinheiro” Eu tô ouvindo,né?Mas ela disse: “Mas eu já resolvi o seu problema” Eu disse: “Como é?” “Você vai ser padre!” Eu disse: “Eu?!?”Ela disse: “É.O estudo é de graça,a residência é de graça,a comida é de graça,até a batina eles dão,até a batina é de graça.Você não vai ser padre?” Eu falei: “Eu vou.”

É tudo de graça.Ela não tinha dinheiro.Só tem uma coisa(a mãe disse): “ O Bispo quer te conhecer”

Então lá fui eu para o Bispo.Cheguei lá,ele fez umas perguntas e tal e disse: “ Você gosta de literatura?”Aí minha mãe disse: “Ele faz uns versinhos...”

Ele disse: “ É bom sinal.” .E aprovou.

Estudei em Campos quatro anos ,fui para Belo Horizonte fiz Filosofia de batina ainda,saí de Belo Horizonte fui para São Paulo e fiz Teologia.Quando cheguei aos 17,18 anos eu vi que não dava, eu vi que queria ser escritor mesmo.Então eu telefonei para meu pai e disse que ia sair,ele disse que minha mãe ia sofrer muito.Eu disse: “Mas eu não vou continuar,não adianta eu continuar”.Eu vim pra cá ser professor de latim.Naquele tempo havia quatro anos de latim.Então a minha preparação foi uma preparação maravilhosa...

EN-É o senhor teve uma formação...eu até perguntei por isso ,para entender essa sua cabeça maravilhosa assim,já teve um alicerce muito bom,né?

AO-Quer dizer eu estudei grego naquele tempo,hoje eu não falo mais,mas.

EN-Na verdade o senhor soube usar o conhecimento de uma forma muito prazerosa né pela forma como o senhor conta,desse movimento de ir e vir estava sempre degustando tudo..

AO- Ah,claro.Tudo depende também.Eu tive muita sorte com a Zora,porque você ter essa vida que eu tive com uma mulher complicada,é complicado,né?Você vai para

os Estados Unidos ,vai para Alemanha...Tem que ser um tipo de mulher muito especial...

EN-Para poder seguir...

AO- Seguir e gostar...

AO- Nos 40 anos de casado a Zora disse a seguinte frase: “ Muito obrigado Antônio Olyntho por me ter feito rir durante 40 anos”Quase que a festa acabou uma amiga nossa olhou para o marido e disse: “ Você só me fez chorar”Acabou-se a festa.

AO-Eu quando tomei posse na ABL(Academia Brasileira de Letras),aí já tinha quase 50 anos de casado,né,eu fiz um discurso também dirigido a Zora.Disse: “ Zora,muito obrigado por me ter feito escrever durante 50 anos”

Por que?As vezes a mulher não deixa,pelo tipo de vida.

E ela deixou uma obra, a obra dela é africana...deixou várias peças.As peças delas eram todas elas africanas.Ela de fato pegou não só o espírito da religião como o da existencialidade,como eles reagem, como eles fazem...

EN-E ela foi feita também no candomblé?

AO-Foi.Ela tinha() com Mãe Senhora.Fazendo bori sempre junto os dois.As vezes fazia bori,eu ,ela ,Jorge Amado e Zélia.

EN- Mas que roncó gostoso...

AO-Os quatro deitados na esteira

EN-Nós tínhamos uma coisa muito engraçada,vagou um apartamento em Paris,eu liguei e disse: “Jorge vagou um apartamento aqui na frente, você não está querendo

vir pra cá?” Ele disse: “ Ah eu vou, pede o pessoal ai para segurar, ele foi e alugou o apartamento”

Dia 2 aniversário dela (Zélia) colocamos 50 cartões de manhã na véspera no correio e ficamos quietinhos. No dia seguinte Zélia batendo na porta. Eu falei: “O que é?” Ela disse: “Mas vocês são loucos?” Vocês não viram como está a entrada do meu apartamento? Tá tudo no chão...” Eu disse: “Pois é Zélia, nós quisemos fazer um negócio diferente”